

Anais da Especialização em Educação Matemática-1ª Edição

Ano 2017 N. 02 V. 01 - ISSN 2358-1115

A MATEMÁTICA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Lia Barros SILVEIRA (PG-UEG Câmpus Cora Coralina)

Liliane Oliveira Souza (M-UEG Câmpus Cora Coralina)

Rodrigo Bastos DAUDE (D-UEG Câmpus Cora Coralina)

Resumo: O presente ensaio é resultado do trabalho final do Curso de Especialização em Educação Matemática do Campus Cora Coralina da Universidade Estadual de Goiás. Apresenta como tema a Educação de Jovens e Adultos e a Educação matemática. Neste sentido objetivamos demonstrar que é possível através da educação matemática tornar o elo entre aluno/matemática/cotidiano fazer sentido, aproximar a matemática ensinada da vivência do educando. Através da constatação de alguns problemas torna-se mais fácil compreender o porquê do interesse por essa pesquisa, são fatores como: alto índice de dificuldade na aprendizagem matemática, evasão na EJA de forma geral devido a não existência de um currículo específico para a mesma, a baixa flexibilidade do programa EJA, entre estes problemas. Partindo da hipótese de haver uma forte necessidade de se relacionar a educação matemática com o cotidiano dos educandos e educandas, cheguei seguinte pergunta: Qual a relação existente entre a educação matemática e a EJA? Os instrumentos metodológicos necessários ao movimento desta pesquisa se baseiam em pesquisas bibliográficas e embasamento teórico com forte ligação a corrente fenomenológica a qual visa a compreensão do sentimento humano aliado a sua compreensão de mundo. Podemos afirmar que em sua trajetória histórica o currículo não tem sido utilizado como um instrumento de poder benéfico, mas a proposta que buscamos nesse trabalho é discutir uma forma para que esse instrumento seja reformulado e possa assim servir ao benefício da comunidade escolar de forma libertadora, prestigiadora da cultura enquanto importante parte da formação da subjetividade e perdendo o papel alienador. As formas como a educação matemática na EJA tem buscado melhorias e pode ainda melhorar, uma vez que o conhecimento matemático possibilita a construção da cidadania, busca-se aqui discutir as problemáticas e apontar rumos para a melhoria da educação matemática na EJA.

Palavras chave: Currículo; poder; liberdade; cultura; matemática.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho de pesquisa realizado como requisito final de conclusão da especialização em Educação Matemática pela Universidade Estadual de Goiás, tem como tema A matemática na Educação de Jovens e Adultos-EJA. A principal motivação surgiu a partir de meu curso de graduação em matemática, onde desenvolvi uma pesquisa relacionada à Educação Matemática para alunos da EJA envolvendo os espaços não formais. Tal tema é de minha simpatia e interesse. Partindo da hipótese de haver uma forte necessidade de se relacionar a educação matemática com o cotidiano dos educandos e educandas, cheguei a seguinte pergunta: Qual a relação existente entre a educação matemática e a EJA? A partir de

Anais da Especialização em Educação Matemática-1ª Edição

Ano 2017 N. 02 V. 01 - ISSN 2358-1115

tal questionamento disponho-me a investigar e apresentar no presente trabalho uma discussão, buscando ainda oferecer meios de solução de problema.

Busca-se portanto, neste trabalho, mostrar que é possível através da educação matemática tornar o elo entre aluno/matemática/cotidiano fazer mais sentido com a matemática ensinada da vivência do educando. Através da constatação de alguns problemas torna-se mais fácil compreender o porquê do interesse por essa pesquisa, são fatores como: alto índice de dificuldade na aprendizagem matemática por meio dos alunos, evasão na EJA, de forma geral devido a não existência de um currículo específico para a mesma, evasão devido a baixa flexibilidade do programa EJA. Entre estes problemas, nosso foco nesse trabalho é a dificuldade de assimilação de conteúdos por parte dos alunos, isso relacionado a distância existente entre teoria e prática aliados a obstáculos por parte de grande parte dos professores de conseguir aproximar e se apropriar da matemática em relação ao cotidiano.

A reformulação do currículo que deixa de ser prescritivo e alienador para ser libertário e amparado por um multiculturalismo deve dar asas ao processo de inserção social. A educação de jovens e adultos tenta então fazer a inserção do adulto na sociedade e instaurar não apenas o quitamento da “dívida” social como engrandecer o subjetivo do indivíduo. Na seção a seguir, discutiremos melhor como se deu a EJA.

1 BREVE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL

Com uma visão geral sobre a educação percebe-se que esta sempre esteve preocupada em formar algum tipo de homem. A partir disso, cabe analisar que homem é esse em cada diferente período histórico e social e que percebamos em segundo plano que a educação tem a função de instrumento de manipulação, caso a mesma se dê alheia a questões políticas, éticas, morais e econômicas. Portanto é fácil perceber que em grande parte dos períodos históricos a educação serve não ao povo em geral e sim aos interesses das classes ricas com poder dominador sobre as classes menos favorecidos.

Anais da Especialização em Educação

Matemática-1ª Edição

Ano 2017 N. 02 V. 01 - ISSN 2358-1115

Diante disso, Saviani nos diz:

todos concordam, a educação visa o homem; na verdade, que sentido terá a educação se ela não estiver voltada para a promoção do homem? Uma visão histórica da educação mostra como esta esteve sempre preocupada em formar determinado tipo de homem. Os tipos variam de acordo com as diferentes exigências das diferentes épocas. (2007. p. 2)

O histórico da educação no Brasil tem seu início desde o período de colonização, a partir do papel dos jesuítas ao buscar a educação dos nativos, até os dias atuais com a luta de uma reforma educacional e a emancipação do currículo e dos professores. No período colonial, a educação se dava por meio da caridade e com fins religiosos de resgate de almas, visando que a ignorância fosse contida e a religiosidade educasse.

Se olharmos para a educação brasileira, desde o período colonial, poderemos perceber que ela tinha um cunho específico direcionado às crianças, mas “indígenas adultos foram também submetidos a uma intensa ação cultural e educacional”. A Companhia Missionária de Jesus tinha a função básica de catequizar (iniciação à fé) e alfabetizar na língua portuguesa os indígenas que viviam na colônia brasileira. Com a saída dos jesuítas do Brasil em 1759, a educação de adultos entra em colapso e fica sob a responsabilidade do Império a organização e emprego da educação. (STRELHOW, 2010 p. 51)

A educação a partir daí acabou sendo marcada por um elitismo, onde apenas as classes dominantes da sociedade recebiam educação ou nos casos onde a educação era cedida a pobreza de forma diferencial, a sempre manter a elite com mais conhecimento e a pobreza com pouco ou quase nada, o conhecimento formal era monopolizado pela classe dominantes. E dirigida e alienante para as classes baixas.

Percebamos agora que a situação na qual a educação brasileira se iniciou e os motivos para estar atualmente necessitando de uma reformulação. De modo geral a mesma se iniciou de forma negativa desde os primórdios históricos de nossa nação

Essa contextualização nos dá a situação em que se iniciou a educação brasileira. É importante lembrar que a partir da constituição Imperial de 1824 procurou-se dar um significado mais amplo para a educação, garantindo a todos os cidadãos a instrução primária. No entanto, essa lei, infelizmente ficou só no papel. Havia uma grande discussão em todo o Império de como inserir as chamadas camadas inferiores (homens e mulheres pobres livres, negros e negras escravos, livres e libertos) nos processos de formação formais. E a partir do Ato Constitucional de 1834, ficou sob a responsabilidade das províncias a instrução primária e secundária de todas as pessoas, mas que foi designada especialmente para jovens e adultos.

Anais da Especialização em Educação

Matemática-1ª Edição

Ano 2017 N. 02 V. 01 - ISSN 2358-1115

(STRELHOW 2010 P. 51)

É importante ressaltar que durante um longo tempo a educação de jovens e adultos, assim como a de crianças pobres era vista como um ato caridoso das pessoas letradas para com os demais ainda analfabetos, “iluminando” as mentes para que o povo pudesse sair das “trevas”, a pessoa analfabeta era vista como sem luz, sem sabedoria e era infantilizada, como se não pudesse ser responsável por si se não tivesse letramento básico (primário).

De acordo com Strelhow (2010), a ideia da pessoa analfabeta como sendo dependente e incapaz tomou força no período que se preconizava a república, até que em 1879 uma reforma por Carvalho (1949) caracterizava o analfabeto como ser incompetente, para depois em 1881 os analfabetos serem restringidos a não votar, votariam apenas as pessoas alfabetizadas. O que acarretou numa série de preconceitos no que diz respeito ao analfabeto, que ainda hoje não foram devidamente tratadas. É como se o analfabeto tivesse culpa de ser analfabeto e não uma vítima do sistema e das poucas chances de educação escolar que os pobres possuíam e com a chegada do século XX algo mais estranho aconteceu, os analfabetos começaram a ser culpados pelo subdesenvolvimento do país, de acordo com o mesmo autor. Então metas de erradicação de analfabetismo foram criadas.

A partir da década de 1920, com a crise de 29 a economia agrária acabou perdendo lugar para a recém nascida industrialização, que se ergue e disputa mercado nas regiões do país e junto a mudança da economia nascem também necessidades de mudança na educação, com as propostas de uma nova escola e mais a frente, em meados de 1961a pedagogia ofertada por Paulo Freire.

A partir da década de 1940 com o surgimento de alguns movimentos sociais e mais uma vez a meta de diminuição de analfabetismo é que se pensou na educação de jovens e adultos um pouco mais a fundo, e em 1945 surge a ideia do supletivo:

Desde o início da década de 40, a educação de jovens e adultos estava em alta. Em 1946 surge a Lei Orgânica do Ensino Primário que previa o ensino supletivo e em 1947 surgiu um programa, de âmbito nacional, visando atender especificamente às pessoas adultas, com a criação do SEA (Serviço de Educação de Adultos). A

Anais da Especialização em Educação

Matemática-1ª Edição

Ano 2017 N. 02 V. 01 - ISSN 2358-1115

finalidade do SEA era de reorientar e coordenar, no geral, os trabalhos dos planos anuais do ensino supletivo para adolescentes e adultos analfabetos. Esse movimento que durou até fins da década de 50 foi denominado de Primeira Campanha Nacional de Educação de Adultos. Porém, é discutível o método pedagógico utilizado que homogeneizava seus alunos sem a preocupação dos contextos em que estavam inseridos. Foram criados guias de leituras, que possuíam em seu conteúdo, pequenas frases e textos sobre comportamento moral e com informações sobre saúde, técnicas de trabalho e higiene. (STRELLOW 2010 P-53)

É imprescindível que percebamos que a educação foi recebendo certo grau de atenção não com o intuito socializador, mas em decorrência de necessidades de crescimentos de índices e com intuito de capacitação de mão de obra. Na década de 50 por exemplo, com a expansão industrial e tecnológica, tornava-se viável investir na instrução do operário para que ele se qualificasse enquanto mão de obra, mas é também nesse período de acordo com Strelhow, que Paulo Freire passou a ser conhecido e começa-se a afirmar que o analfabeto não deve ser visto como incapaz.

Ao final da década de 50 e início de 60 a educação começava a ganhar espaço e as propostas para educação de jovens e adultos ganhava forças. Quando a ditadura entrou em vigor, foram retiradas as pedagogias que começavam a crescer e o conhecido Movimento Brasileiro de Educação – MOBRAL o substituiu, o que foi benéfico, já que o MOBRAL era completamente preso a um currículo alienante coordenado pela ditadura do momento, Portanto o MOBRAL era mais um criador de analfabetos funcionais do que um combatente ao real analfabetismo, além de estar carregado por slogans agressivos e bem analisados, e como sabemos ensinar a escrever não basta, isso não é educar. De acordo com esse movimento:

O Mobral procura restabelecer a ideia de que as pessoas que não eram alfabetizadas eram responsáveis por sua situação de analfabetismo e pela situação de subdesenvolvimento do Brasil. Um dos slogans do Mobral era: “você também é responsável, então me ensine a escrever, eu tenho a minha mão domável” (STEPHANOU; BASTOS (orgs), 2005, p. 270).

O MOBRAL só teve seu fim em 1985, dando espaço a partir daí a outros programas como a Fundação Educa, em 1990 essa fundação foi extinta no mandato do governo Collor, passando a haver alguns movimentos em prol de novos planos de educação e

Anais da Especialização em Educação Matemática-1ª Edição

Ano 2017 N. 02 V. 01 - ISSN 2358-1115

alfabetização. Os programas de erradicação do analfabetismo surgiram várias vezes ao longo dos anos, em sua maioria regados com características e ênfase em trabalhos voluntários do que como quitação de dívida social.

Apenas no século a seguir as alterações passaram a ser percebidas com maior intensidade, mas há ainda suas debilidades, e em 2003 foi lançado pelo governo Federal mais um programa de alfabetização.

Em 2003, o governo federal lançou o Programa Brasil Alfabetizado, que no início tinha característica de mais uma campanha, com ênfase no trabalho voluntário, prevendo erradicar o analfabetismo em 4 anos, tendo uma atuação sobre 20 milhões de pessoas. (STRELHOW. P-56)

Já no século XXI, grande parte das políticas educacionais ainda são voltadas para erradicação do analfabetismo, o currículo da EJA no atual sistema educacional para jovens e adultos ainda é um currículo básico com conteúdos de núcleo comum numa grade curricular quase idêntica a grade curricular dos alunos de ensino fundamental e médio. Os tempos mudaram e a atual necessidade do povo brasileiro não se trata apenas de ensinar a ler e escrever, trata-se de educar e dar espaço para que o próprio aluno ajude em seu processo de aprendizagem.

Cada indivíduo tem seus objetivos, desejos, paixões, anseios, trajetórias de vida, metas e culturas. E é por isso que o cidadão do século XXI precisa de uma nova educação que seja emancipadora e não apenas presa a jogos de interesses de classes dominantes, nesse sentido a escola ganha força, sendo uma das principais instituições formadoras de cidadão críticos e pensantes e não mais alienados e conformistas.

2 UMA PROPOSTA PARA UMA NOVA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: DO CURRÍCULO PRESCRITIVO AO CURRÍCULO COMO NARRATIVA

O autor Ivor Goodson apresenta em seu trabalho Currículo, narrativa e futuro social, uma interessante proposta para uma nova educação, composta por um novo currículo,

Anais da Especialização em Educação Matemática-1ª Edição

Ano 2017 N. 02 V. 01 - ISSN 2358-1115

ainda mais quando se refere a educação de jovens, onde se faz necessária a adaptação do currículo ao indivíduo e não uma adaptação do indivíduo ao currículo como tem se dado na história de nosso país.

Goodson (2007), nos apresenta em primeira instância currículo com o qual estamos acostumados a lidar e o nomeia currículo prescritivo. Nesse modelo acredita-se que podemos criar uma receita que se englobe todos os ingredientes necessários para o desenvolvimento do estudo, nessa lógica poderia ser seguida uma única receita de o que ensinar e como ensinar, colocando os alunos como seres homogêneos advindos de culturais e realidades sociais iguais, passando por cima da subjetividade e da cultura dos indivíduos.

O currículo como prescrição, na lógica de Goodson (2007), serve como meio de aquietar, pacificar e alienar as massas dando a essas a impressão errônea de que a prescrição estaria os auxiliando quando na verdade ele faz parte de um mecanismo de reprodução das relações de poder. Sustenta o amplo processo de hierarquização social, a prescrição se esconde por trás do mito prescritivo e a aceitação desse, custa muito alto para a educação e seu desenvolvimento.

Perante isso, aparecem os custos de uma cumplicidade nascida entre a formulação curricular e os grupos sociais bem providos economicamente. Quanto mais poderoso for um grupo social mais ele exercerá poder sobre o conhecimento escolar e a ocultação mesmo dentro das escolas de acordo com o autor:

É claro que existem “custos de cumplicidade” na aceitação do mito da prescrição; esses custos envolvem, sobretudo e de várias maneiras, a aceitação de modelos estabelecidos de relações de poder. Talvez o mais relevante seja que as pessoas intimamente ligadas à construção social cotidiana do currículo e da escolarização, os professores, sejam por isso efetivamente alijado o “discurso da escolarização”. (GOODSON, 2007. P. 242.)

A aceitação do mito da prescrição tem causado atrasos na área estudantil causando tanto profissionais acomodados a prescrição quanto alunos alienados e sem direito a uma real educação libertadora. Pois estamos diante de anos de estudos financiados voltados apenas ou em maioria para determinadas áreas e nos perguntamos agora porque? Porque os

Anais da Especialização em Educação Matemática-1ª Edição

Ano 2017 N. 02 V. 01 - ISSN 2358-1115

financiadores assim necessitam. Enquanto os ricos se beneficiam de seu poder na interferência do currículo os pobres são prejudicados por essa mesma interferência. Diz Goodson:

o currículo foi basicamente inventado como um conceito para dirigir e controlar o credenciamento dos professores e sua potencial liberdade nas salas de aula. Ao longo dos anos, a aliança entre prescrição e poder foi cuidadosamente fomentada, de forma que o currículo se tornou um mecanismo de reprodução das relações de poder existentes na sociedade. As crianças cujos pais são poderosos e ricos se beneficiam da inclusão pelo currículo, e os menos favorecidos sofrem a exclusão pelo currículo. (GOODSON, 2007.p-243)

Goodson (2007), cita ainda a manipulação sobre o currículo exemplificando como disciplinas são impostas, retiradas ou alteradas de maneira que o cidadão não seja capaz de se emancipar, as disciplinas são superficiais e ensinadas de forma que o integrante de classes baixas raramente consigam se sobressair e disputar posteriormente cargos e vagas com as classes sociais que se encontram no poder econômico acima dos mesmos, assim que acontecem as reciclagens disciplinares, para que o cidadão seja capaz de pensar e de trabalhar mas não seja capaz de superar suas próprias condições de vida.

Após nos apresentar sob qual alienação se prende o currículo prescritivo, entendemos que Ivor Goodson (2007) trás o início de uma discussão para um novo currículo que seja livre do domínio econômico e atenda as necessidades do cidadão dentro do presente período histórico e social, que vem a ser o currículo como narrativa, onde o mito prescritivo cai, a imposição de um modelo ou receita a ser seguido e a generalização do ser tendem a desaparecer.

O currículo como narrativa busca a aproximação das disciplina, da escola, do professor, da sociedade e do aluno, o cotidiano e a cultura, busca privilegiar a subjetividade do aluno, suas paixões, interesses, metas e sonhos articulando-os de forma a motivar e atender as expectativas do cidadão, de forma a possibilitar que seja cumprida a primeira promessa educacional de mudar o futuro social dos alunos e torná-los cidadãos livres e pensantes que exercem seu poder diante da sociedade e reconheçam seu próprio valor diante desta.

Anais da Especialização em Educação Matemática-1ª Edição

Ano 2017 N. 02 V. 01 - ISSN 2358-1115

Tendo como base essa perspectiva podemos entender que na atual conjuntura educacional e histórico-social, os professores juntamente com o currículo precisam receber liberdade e reformular não apenas o currículo, mas também os métodos e metodologias empregados nas salas de aula:

ressaltamos a subordinação dos conhecimentos escolares ao que conhecemos sobre o desenvolvimento humano. Ou seja, os conhecimentos escolares costumam ser selecionados e organizados com base nos ritmos e nas seqüências propostas pela psicologia do desenvolvimento. É bastante comum, em nossas salas de aula, o esforço do(a) professor(a) por escolher atividades e conteúdos que se mostrem adequados à etapa do desenvolvimento em que supostamente se encontra o(a) aluno(a). Em muitos casos, a consequência é ignorarmos o quanto muitos(as) de nossos(as) estudantes conseguem “queimar etapas” e aprender, de modo que nos surpreende, conhecimentos que julgávamos acima de seu alcance. Para o adolescente familiarizado com as inúmeras possibilidades oferecidas pela internet, o acesso a informações e saberes se faz, freqüentemente, de modo não linear e não gradativo. Será que, na escola, estamos sabendo tirar suficiente proveito das vantagens resultantes do uso de novas tecnologias? Como poderíamos aproveitá-las melhor? (BEAUCHAMP, PAGEL E NASCIMENTO, 2007, p.24)

O ato conteudista e o movimento ritimado e tradicional com o qual estamos acostumados faz com que obedeçamos uma formula dada pela psicologia do desenvolvimento o que faz também com que escolhamos nas salas de aulas atividades que sejam proporcionais ao cognitivo dos alunos e acabamos assim passando por cima da capacidade de alunos que conseguem ir além, que seriam capazes de nos surpreender positivamente de forma a não seguir uma linha sistêmica de aprendizagem, isso porque a aprendizagem pode ser desordenada. As novas tecnologias poderiam nos auxiliar a burlar esse sistema de aprendizagem hierarquizada e cuidadosamente engavetada e organizada, para que assim conseguíssemos a ajudar os alunos a se desenvolverem com nosso amparo e acompanhamento e não ditando uma formula sistêmica de aprendizagem.

A inovação se faz necessária na educação de jovens e adultos e a contextualização com o cotidiano é de importante valor na aproximação do conteúdo com o eu cognitivo de cada educando. A educação matemática é uma importante ferramenta que auxilia no processo

Anais da Especialização em Educação Matemática-1ª Edição

Ano 2017 N. 02 V. 01 - ISSN 2358-1115

de liberdade e emancipação do saber. Resta aos professores saber utiliza-la como elo de integração entre conteúdo, aluno, sala de aula e professor.

3 EDUCAÇÃO MATEMÁTICA E A EJA

Em primeiro lugar o que seria a educação matemática? A identificação da educação matemática como uma área prioritária na educação ocorre de acordo com Miguel; Garnica e Iglioni (2004) na transição do século XIX para o século XX. Na visão destes autores, aos passos que abrem essa nova área de pesquisa, John Dewey (1859-1952), ao propor em 1895, em seu livro *Psicologia do número*, uma reação contra o formalismo e uma relação não tensa, mas cooperativa, entre aluno e professor, e uma integração entre todas as disciplinas.

Em 1901, durante uma reunião da British Association em Glago (Associação Britânica em Glago) o cientista John Perry diz ser imensamente importante considerar que a adoção de um método de ensino elementar deve satisfazer um jovem, entre mil, que gosta de raciocínio abstrato, mas que é igualmente importante que os demais não sejam prejudicados. E lamenta o conflito que começa a se notar entre matemáticos e educadores, ao dizer que é o matemático quem decide que assuntos devem ser ensinados nas escolas para os cientistas e os engenheiros, e que é ele mesmo, o matemático, que forma os professores para esse ensino.

De acordo com Miguel (2004), o passo mais importante no estabelecimento da educação matemática como uma disciplina é devido à contribuição do eminente matemático alemão Felix Klein (1849-1925), que publicou, em 1908, um livro seminal, *Matemática elementar de um ponto de vista avançado*. Klein defende uma apresentação nas escolas que se atenha mais a bases psicológicas que sistemáticas. Diz que o professor deve, por assim dizer, ser um diplomata, levando em conta o processo psíquico do aluno, para poder agarrar seu interesse. Afirma que o professor só terá sucesso se apresentar as coisas de uma forma intuitivamente compreensível.

Anais da Especialização em Educação Matemática-1ª Edição

Ano 2017 N. 02 V. 01 - ISSN 2358-1115

O ensino da matemática pode contribuir para a formação de jovens e adultos que buscam a escola. É um direito básico de todo cidadão aprender essa modalidade de ensino, uma vez que pode contribuir para a inserção no mercado de trabalho e na sociedade.

Partimos do pressuposto de que a educação deve estar a favor da vida, da igualdade de condições para todos, estando, pois, pautada na solidariedade e dignidade humana. Neste sentido, os PCNs prelecionam que:

O papel que a Matemática desempenha na formação básica do cidadão brasileiro norteia estes Parâmetros. Falar em formação básica para a cidadania significa falar da inserção das pessoas no mundo do trabalho, das relações sociais e da cultura, no âmbito da sociedade brasileira. [...] Os alunos trazem para a escola conhecimentos, idéias e intuições, construídos através das experiências que vivenciam em seu grupo sociocultural. Eles chegam à sala de aula com diferenciadas ferramentas básicas para, por exemplo, classificar, ordenar, quantificar e medir. Além disso, aprendem a atuar de acordo com os recursos, dependências e restrições de seu meio. (1998, p. 56)

Quando os PCNs abordam questões culturais e os conhecimentos prévios que os alunos levam para as escolas, há de se considerar que o “adulto” também pode ser um aluno. Este traz para a vida escolar, seus conhecimentos, seus valores, suas crenças, suas convicções, ainda que menosprezadas pelo sistema hostil no qual todos nós estamos inseridos.

Anais da Especialização em Educação

Matemática-1ª Edição

Ano 2017 N. 02 V. 01 - ISSN 2358-1115

O ensino de Matemática para jovens e adultos é fundamental para a sua formação, uma vez trabalhadas metodologias e estratégias diferenciadas, pois essas estimulam e favorecem a criatividade, o trabalho coletivo, a iniciativa pessoal e a autonomia advinda do desenvolvimento da confiança na própria capacidade de conhecer e enfrentar os desafios de um adulto que busca a escola. (BRASIL, 1997)

O aluno da EJA vive, em geral, uma história de exclusão, limitando seu acesso aos costumes e ações da sociedade. Através da escola, ele busca construir caminhos que lhe permitam reverter esse processo. Um currículo de matemática para jovens e adultos deve, portanto, possibilitar condições para que o aluno se torne o agente de transformação de seu ambiente, participando mais ativamente no mundo do trabalho, das relações sociais, da política e da cultura. (BRASIL, 2002).

Na sociedade atual, é cada vez mais necessário saber matemática, pois ela está presente no nosso dia-a-dia, nas mais diversas formas.

O advento das calculadoras e computadores, ao tornar mais rápida a realização de cálculos numéricos ou algébricos, ampliam sensivelmente a gama de problemas que podem ser resolvidos por meio do conhecimento matemático. (BRASIL, 2002).

Por isto, em relação ao ensino dentro da EJA é preciso que o professor esteja atento aos riscos de utilizar metodologias inadequadas para o ensino de matemática de jovens e adultos, alertando-se para não infantilizar as estratégias de ensino, conforme nos acertou Cavalcante e Alcântara (2009).

Nesse sentido, Fonseca (2002) chama a atenção para três valores fundamentais para a efetiva participação do professor na educação matemática em particular os que ensinam na EJA: honestidade, comprometimento e entusiasmo. Interessante entender esses valores porque os alunos, sendo jovens e adultos, trabalhadores e pais de família, precisam perceber a honestidade e comprometimento da escola, bem como dos professores. Da mesma forma, o entusiasmo que deve estar presente em todo profissional.

Apesar do desenvolvimento da educação matemática nos últimos tempos, ela ainda está em processo de construção enquanto produtora científica próxima a realidade dos



Anais da Especialização em Educação Matemática-1ª Edição

Ano 2017 N. 02 V. 01 - ISSN 2358-1115

alunos, ou seja, ainda é preciso que se trabalhe a educação matemática ao cotidiano e sua importância para que perca essa deficiência em relação a sociedade e a educação.

Anais da Especialização em Educação Matemática-1ª Edição

Ano 2017 N. 02 V. 01 - ISSN 2358-1115

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação matemática para a EJA precisa ainda vencer vários desafios como conseguir aproximar aluno e conteúdo além de profissionalizar melhor os professores para essa modalidade de ensino além é claro de remunerar os mesmos de forma adequada.

Nossa educação tem lutado para assumir seu real papel socializador e deixar de lado o elitismo que há muito tem alienado os cidadãos. A nova educação proposta pelo novo currículo busca colocar fim nas hierarquias de poder e fazer com que o novo cidadão perceba que sua liberdade é um direito e que a democracia real começa com uma educação real, uma educação que perca a impregnação dominante do poder financeiro e volte suas atenções para as necessidades, paixões e metas do cidadão, uma educação humanista acima de tudo. A educação de Jovens e adultos é um direito do cidadão, uma dívida social e um dever do estado. Ela pode auxiliar no aumento da estima do cidadão além de ajudar a inserir o mesmo no mercado de trabalho e qualifica-lo para crescer economicamente e socialmente.

REFERÊNCIAS

ARROYO, MIGUEL. G. **Os educandos, seus direitos e o currículo**. In: PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Departamento de Políticas de Educação Infantil e Ensino Fundamental. Indagações sobre currículo. Versão preliminar. Brasília, 2004, p. 51-81.

BRASIL, SISTEMA EDUCATIVO NACIONAL DE BRASIL 1997.

BRASIL, SISTEMA EDUCATIVO NACIONAL DE BRASIL 2009.

CAVALCANTE YONÁ; ALCANTARA, DHIERCLAY. **FORMAÇÃO DE LEITORES: O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA EM TURMAS DE EJA** 2009.

Anais da Especialização em Educação Matemática-1ª Edição

Ano 2017 N. 02 V. 01 - ISSN 2358-1115

FONSECA, V. **Introdução às dificuldades de aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

GOODSON, I. F. **School subjects and curriculum change**. 3. ed. London and New York: Falmer, 2007.

SAVIANI, D, **Educação**: do senso comum a consciência filosófica. Campinas, SP.

MIGUEL, Antônio; GARNICA, IGLIORI. **A EDUCAÇÃO MATEMÁTICA**: Breve histórico. 2009.

STEPHANOU; BASTOS (orgs), 2005, p. 270 – 271. Também em DI PIERRO, Maria Clara; JOIA, Orlando; RIBEIRO, Vera Masagão. **Visões da Educação de Jovens e Adultos no Brasil**. Cadernos Cedes, 2001, p. 61.

STRELHOW, Thyeles. **Breve história sobre a educação de jovens e adultos**. Revista DRR-online.